

FAZENDA DO CENTRO: LUGAR E MEMÓRIA

Arlette Passamani Frauches

arlettefrauches@gmail.com

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Fazenda do Centro Lugar e memória

Palavras-chaves: Patrimônio - Memória - Fazenda

A Fazenda do Centro, constantemente relacionada à memória do povoamento e formação do município de Castelo no sul do Espírito Santo. Foi fundada em 1845 por uma conhecida família vinda do Vale do Paraíba, Rio de Janeiro.

Seu nome provavelmente foi escolhido devido à posição que tomava entre as outras fazendas da região. Segundo a comunidade local, seu primeiro proprietário contava com grande prestígio político e, por este fato, é atribuída a ela um “caráter centralizador” que está atrelado à memória local.

A carga simbólica dos edifícios a compõe traz à luz uma série de problemáticas visíveis, através de objetos concretos da paisagem. Ela apresenta um passado colonial, a religiosidade que persiste e que é, fortemente, estimulada pela presença da capela e da igreja. A disposição das casas respeita o antigo quadrilátero funcional e a posição da igreja configura a preservação de costumes estruturais e religiosos. A estação ferroviária, que nunca exerceu a função para qual foi construída, a escola e a “venda”, também são indícios desse passado onde despontava um possível núcleo urbano, que ao manter seu caráter agrário resguarda a memória do assentamento dos imigrantes, na região. Características que denotam um campo de possibilidades que, frustradas, se tornam uma espécie de memória da “potencialidade local.”

São apresentadas reflexões sobre estudos a respeito de *memória, transformações e permanências*.

A Fazenda do Centro é localizada a 12 quilômetros da cidade de Castelo e apenas dois quilômetros da rodovia estadual ES-166, que faz a interligação da BR101 com a BR 262, tendo a extremidade sul, Cachoeiro de Itapemirim, e na extremidade norte, Venda Nova do Imigrante



Fonte: <http://www.mototour.com.br>

A sede da fazenda foi construída no ano de 1845. Data da vinda de seus fundadores, naturais da região de Valença, RJ, para o Espírito Santo. A escolha para o lugar de implantação do quadrilátero funcional foi o vale do rio Caxixe.

Por las mediciones hechas por el Departamento de Tierras y Colonizaciones em 1878 y titulo de 1898, que deben estar archivadas em el registro de Tierras, consta que esta hacienda posee 154.993.280 metros cuadrados, o sea 3.202 alquieres geométricos.

Esta enorme propiedad comienza em la división de las águas de los rios-Jucú, Beneventes y S. Cristóbal al Este; al Sur por las haciendas da Crimea, S. Cristóbal y Colônia do Rio Novo; al Oeste por las haciendas de crimea, S. Manuel, Povoação e Bella Aurora; y finalmente al Norte por el Rio Jucú.

Además de uma enorme casa de morada, ingenio de café, mecanismo para beneficiar la caña, mandioca, maiz, rícino, casa de negócios, serraria, graneros, corrales, caballerizas, ceba de puercos, secadores de café o terreros, honos para teja, ladrillos y cal, posee inmensos bosques virgenes com maderas de las mejores cualidades, perobas de varias espécies, jacarandás diversos, viñáticos, bálsamo, gurubús, sapucayas, corcundas, cangeranas, massarandubas, etc.

La hacienda está regada abundantemente em todos los lados por vários rios como S. Isabel, Corumbá, Vae-Vem, Telha, Paca, S.Luis, Saudade y otros

diversos riachuelos. El río Caxixe atraviesa toda la hacienda por una extensión superior a veinte kilómetros (CRONICA DE LA PROVINCIA DE SANTO TOMÁS DE VILLANUEVA , 1920: 661).

No decorrer deste texto da Ordem dos Agostinianos Recoletos, é apresentado o abandono da propriedade, na ocasião da compra: “todo muerto! Los pastos sin ganado, las maquinas todas paradas y los canales derramando inúltimente agua.” Mas em linhas próximas a esta afirmação descrevem o bom estado de conservação dos edifícios e dos aparelhos.

A abundância e a força dos rios chamaram a atenção dos padres agostinianos e garantiram o sustento das máquinas e das residências.

Los ríos S. Isabel y Corumbá poseen varias cascadas teniendo el primero de ellos, al lado de la hacienda una fuerza superior a 100 caballos. El río Caxixe tiene cuatro cascadas separadas una de la outra, la última de las cuales, em la parte baja de la hacienda podrá producir a lo mínimo unos 800 caballos de fuerza. Quedando esta cascada a nueve kilómetros, em línea recta de Castello, podrá después abastecer de fuerza aquel distrito. Posee en el subsolo, según informaciones y los hechos antiguamente por los PP. Jesuítas, vestígios de montes de cascajo de minerales, oro em vários ríos , principalmente em el da Tella. Existen cerca de la hacienda granitos de color de rosa y verde, de grano muy fino y de mucha esperanza para el porvenir. Grande cantidad de piedra caliza de la mejor cualidad y de que hace parte el mármol estatuário que rivaliza com el bello mármol tan afamado de Carrara. Enormes pastos separados por muros de piedra y zanjas, em los cuales abunda el cantigueuro rojo, el Jaraguá, la grama de Pernambuco, yerba de Angola de três cualidades y la grama lisa (CRONICA DE LA PROVINCIA DE SANTO TOMÁS DE VILLANUEVA , 1920: 661).

Por volta de 1909, o frei Manuel Simón, da Ordem dos Agostinianos, pároco das províncias de Guarapari, Anchieta e Alfredo Chaves, com necessidade de assentar as famílias de imigrantes italianos desta região em sítios mais férteis, decide comprar a Fazenda do Centro com seus 1.542 alqueires de terra, bem como os maquinários, casas e benfeitorias.

Na mesma ocasião, a propriedade é dividida entre, aproximadamente, 300 famílias. Cada uma delas recebeu um lote de 10 alqueires, pagando um Conto de Réis por lote, com 5 anos de carência e mais 5 anos para o pagamento total.

Esta negociação que hoje ainda é considerada por muitos descendentes destes imigrantes como um ato de generosidade, levou em conta diversos aspectos de ordem organizacional e econômica. Os recursos naturais e as possibilidades de geração de energia pelas forças das águas são colocados, em texto, pela ordem como capazes de abastecer o distrito de Castelo. Aparentando uma preocupação com a manutenção de

um provável aglomerado populacional. Fato que realmente pode ter insentivado a muitos habitantes da região a se reunirem ali para professarem a fé cristã.

Em 1954 instala-se o pré-seminário e o ensino primário. A partir de 1960, o pré-seminário foi ampliado. Até 1979, a Fazenda do Centro recebeu, regularmente, alunos da rede pública de ensino, através de convênio com a Escola Estadual Governador João Bley.

Em 20 setembro de 1984 foi divulgado, no diário oficial, a resolução do Conselho Estadual de Cultura:

Aprovar o tombamento em caráter definitivo da edificação da sede da Fazenda do Centro situada no município de Castelo-ES e de seu entorno que compreende todo o perímetro determinado pelo raio de 500m (quinhentos metros) ao redor da referida edificação, conforme parecer da Câmara de Artes e Patrimônio Histórico, referenciado pelo plenário do Conselho Estadual de Cultura constante do processo nº 11/82-CEC (Resolução 05/84).

Esta resolução foi tomada mediante as relações entre esta fazenda e a comunidade local e sua importância em meio a paisagem e a cultura da região que a abriga. Neste processo, o edifício é apresentado muitas vezes como “centro de convergência de uma cultura interiorana”. Por várias vezes encontramos expressões nos documentos, contidos no processo de tombamento, direcionadas a propriedade como “marco da colonização da região” e outras tantas que lhe atribuem o referido “caráter centralizador”.

Contudo, a Fazenda do Centro sofreu com ações que, apesar de serem apresentadas como intervenções para preservação do casarão, não foram concluídas. Entre elas, a retirada de um terço do telhado que deixou parte de sua sede à ação das intempéries sem qualquer proteção por um longo tempo. Fato que provocou a reação da comunidade que se envolveu em um novo processo de revitalização¹ que hoje promove a recuperação do casarão-sede e eventos de confraternização entre os moradores locais e antigos habitantes da região.

¹ Termo usado pelo Instituto Frei Manuel Simón.



O casarão com a capela arruinada e os vidros da varanda quebrados – Fazenda do Centro – 2005 - Foto de Cilmar Francischetto

Aldo Rossi no seu livro “A arquitetura da cidade” aponta que “Viollet Le Duc descobre que na arquitetura a casa é a que melhor caracteriza os costumes, os usos, os gostos de uma população” (ROSSI, 1977:145).

O casarão que tem posição central na fazenda, tanto geográfica quanto administrativa. Tem como função primordial ser casa, ao abrigar pessoas, seja como morada, escola, lugar de culto, ele assume diferentes representações. Mas não perde essa característica de casa enaltecida por Eugène Emmanuel Viollet Le Duc. Ao contrário, ao se abrir como escola e como capela torna-se lugar de circulação constante, de geração constante de ações que denotam a identidade da comunidade. Como sede de Fazenda representa o aspecto interiorano da cultura local; como escola as necessidades de aprendizado da população e como capela a religiosidade que é marcante na comunidade. É a casa que se abre a novas funções sem deixar de ser morada.

O visual do casarão e as características materiais apontam a origem da formação da Fazenda. As adaptações denunciam os diferentes usos e as marcas da passagem do tempo. Estes são fatores que possibilitam a construção de uma análise fenomenológica.

Será o *poder* a essência que permite que uma mesma edificação funcione como casa, sede, palco², capela, comércio? Através de cada um desses usos o *poder* se apresenta como um elemento fundamental para a memória local. O *poder* financeiro

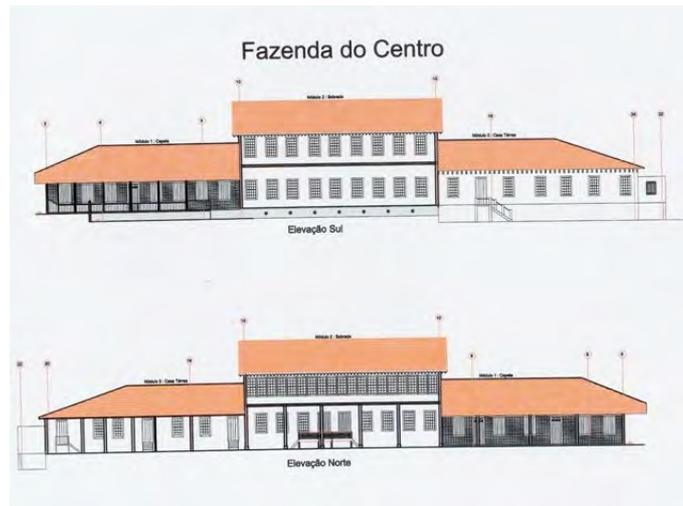
² Segundo a memória oral um dos donos da fazenda manteve um elenco formado por escravos que se apresentava nos salões do casarão para seus visitantes.

do grande latifúndio que existia ali é apresentado pela grandiosidade do casarão; o *poder* político pelas reuniões e recepções que, possivelmente, aconteciam em seu interior; o *poder* de aproximar os habitantes das facilidades da cidade através do comércio e o *poder* de dominar a memória, através da ocupação de um lugar que representa elementos fundamentais da identidade dessa comunidade.



Casarão de fundos e com mais de 100 anos de uso ainda chama a atenção por sua imponência -Fazenda do Centro- Década de 1980 - Foto de Cilmar Fransichetto

La casa de habitación se compone de un frontispicio con 69 metros de frente, teniendo la parte central de los pisos con 23 metros de frontis. La casa tiene en el piso de bajo siete salones y 17 cuartos, la mayoría muy grandes. Em primer piso tiene dos salones y ocho salas. Del lado de trás tiene dos galerías con cristales en el primer piso con 38 ventanas vidreiras. Todas las ventanas son con vidreiras. Todas las habitaciones del primer piso son entarimadas y con cielo raso más de la mitad. Hay cocia, despensa y agua encañada. Todo pintado al óleo y la casa, o mejor dicho, caserón en buen estado de conservación. Las habitaciones están todas amuebladas con muebles de jacarandá cabrina (palisandre) fuertes y pesados. Son muebles eternos (CRONICA DE LA PROVINCIA DE SANTO TOMÁS DE VILLANUEVA , 1920: 663)



Imagens do projeto de restauro elaborado pela arquiteta Cora Augusta Duarte Aguiéiras.

Já a presença da antiga estação ferroviária, que nunca foi ativada, representa os usos indeterminados pelos projetos para sua construção. Denuncia o passado da fazenda como grande produtora de café e as improvisações para seu uso hoje.



A antiga estação apresenta diversas modificações, mesmo não havendo um uso determinado, houve a preocupação em renovar a cobertura do imóvel que apresenta portas e janelas em diferentes estilos – Fazenda do Centro-2009 – Foto da autora

Ela foi construída em um período anterior a compra da Fazenda, mas não aparece descrita como tal, no documento da ordem agostiniana que apresentamos aqui. Possivelmente, isso se deve ao fato de que com a crise do café, a construção da linha férrea tenha sido interrompida num local, onde hoje é o centro da cidade de Castelo.

Portanto, não exercendo a finalidade para qual foi construído, o edifício tenha adquirido novos usos, desde então.



Aqueduto–Fazenda do Centro–Março de 2010–Foto da autora

O aqueduto que, hoje, se esconde entre os edifícios exemplifica essa relação dialética entre pertencimento e representação. Ao mesmo tempo que representa a memória do passado de grande produção agrária, expressa a necessidade de adequação. Ele compõe um cenário onde o maquinário antigo e as novas peças estão em uso se encontram.

A paisagem transformada pelo homem, que se utiliza da terra para plantar, para desenvolver culturas que movem seu sistema agrário; as técnicas aplicadas à construção dos edifícios; as ações desenvolvidas pelas pessoas que habitaram e as que habitam a região; os costumes; as crenças; tudo isso é representado pela Fazenda do Centro como patrimônio. Torna-se neste sentido “coisa humana”. Expressa arbítrio e tradição.

Teixeira Coelho pontua diferenças entre arte e cultura e afirma “a cultura não está feita para transgredir, mas para reafirmar”(COELHO apud PESSOA, 2008:226)

Contudo, neste caso, a prática local é se utilizar deste patrimônio como instrumento comum de trabalho no campo. O lugar sofre alterações, algumas vezes, de modo abusivo, mesmo representando a memória da ocupação daquela região. Isso ocorre

ainda que os edifícios sejam de propriedade privada, assim elementos como a madeira dos pisos do casarão são reutilizados em diferentes funções.

O espaço do antigo terreiro da fazenda ainda se encontra preservado mesmo diante de um novo uso. O café é seco em uma pequena porção, mas a maior parte é ocupada por um campo de futebol e algumas árvores que oferecem sombra. As festas que aconteciam ali com grande frequência são poucas agora, mas ainda se realizam entre uma disposição de edifícios que respeitam o quadrilátero funcional³.



O antigo terreiro visto do Morro do Cruzeiro ainda mantém sua marca, mesmo exercendo as funções de campo de futebol e jardim. O terreiro de hoje aparece como uma pequena mancha esbranquiçada, demonstrando que a necessidade de espaço para secagem é menor, assim como a produção de café - Fazenda do Centro - 2010 - Foto da autora

Circundando los terrenos o secadores de café tiene una ala de casas com 160 metros de frente de um lado y de outro 70 metros.

Además de este grupo de casas tiene la casa de negócios también grande, la serraría, grandes caballerizas y corales para becerros, todo bien conservado.

Posee la hacienda y da como garantía 20 casas para colonos, cubiertas de teja y que se calcula tener 10 por seis metros cada una. Com gasto medio de 40\$ 000 reis para cada casa, podíanse reformar.

Tiene la maquinaria para limpiar café em um edificio moderno, hecho de ladrillos, espacioso, com cubierta zinc y armadura de hierro; tres salones para depósito para maíz, muy bien hecho y conservado, pudiendo contener unos 800 carros de maníz.

Em taller de la serraría necesita de arreglos que pueden costar unos 200 \$ reis.

Posee la hacienda una acequia de agua de um kilómetro de extensión y que transporta toda el agua necesaria para dos ruedas grandes y dos molinos diversos. Las ruedas necesitan arreglos. Todas las máquinas son movidas por el agua, que en gran abundancia existe (CRONICA DE LA PROVINCIA DE SANTO TOMÁS DE VILLANUEVA , 1920: 663).

³ Forma de distribuição de diversas edificações em torno de um *terreiro*, constatada desde 1819, por Saint Hilaire nas fazendas brasileras. Apud Rocha, 2006.

A Fazenda do Centro representa uma série de relações e ações desenvolvidas entre a comunidade ao seu redor. Ao mesmo tempo, ao ser reconhecida como *bem cultural* também é reconhecida como representante da cultura interiorana⁴ que cada indivíduo dessa comunidade possui.

A cultura é uma produção. Tem sua matéria prima, seus recursos, seu “trabalho produtivo”. Depende de um conhecimento da tradição enquanto “o mesmo em mutação” e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse “desvio através de seus passados” faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos de nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar. (HALL, 2003: 44)

Se o objeto arquitetônico tem o poder de estabelecer como meio de comunicação entre as gerações e com isso, adquirir reconhecimento como bem cultural, ele se aplica no conceito apresentado por Stuart Hall. Também se coloca de forma paradoxal diante de nós. Ao mesmo tempo em que cerra em suas estruturas memórias, permite que tradições sejam mantidas. Ele se abre para o entendimento de cultura que está além de suas portas. É veículo e objeto, simultaneamente transmite e representa a cultura. Produto e produção, uma vez que também assume mutações para se adequar às necessidades dos homens que são diferentes daquelas de quando foi construído e permite o exercício da transformação.



Terreiro ainda com o pórtico de entrada e a senzala à direita, crianças e mulheres brincam possivelmente em uma época em que este espaço ainda era fechado e os portões permitiam que a entrada fosse controlada – data imprecisa - Foto do acervo do IFMS.

⁴ Interiorana no sentido de serem pessoas da área rural, do interior do Estado.

De acordo com Christian Norberg-Schulz, o homem e sua identidade dependem do pertencimento ao lugar. Este termo ao qual relacionamos os sentimentos de posse e integração nos faz refletir sobre as relações estabelecidas com os objetos de análise.

Para Yi-fu Tuan a percepção humana pode ser afetada pela ilusão de superioridade e de centralidade, entre outros sentimentos. Mas, em alguns casos, essas ilusões são necessárias para a manutenção da cultura que se constrói de acordo com a forma como o indivíduo percebe o meio ambiente. (TUAN, 1983, p.151).

Esses sentimentos contribuem para que os indivíduos fortaleçam seus laços com o lugar. A sedução de pertencer a um ambiente que traz à memória e à imaginação cenas de um passado rico e possibilidade de um futuro promissor, aproxima o indivíduo ao lugar. A centralidade permite que ele se coloque no foco das situações de seu cotidiano.

É impossível discutir o espaço experiencial sem introduzir os objetos e os lugares que definem o espaço (...). O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado (TUAN, 1983:151)

Assim, é possível justificar este possível sentimento centralizador atribuído à fazenda pela população local. A forma como essa possibilidade influencia na eleição deste objeto como bem cultural, apresenta-se como elemento significativo na compreensão do processo de reconhecimento patrimonial do imóvel.

Patrimônio. Esta bela e antiga palavra estava, na origem, ligada às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo. Requalificada por diversos adjetivos (genérico, natural, histórico, etc.) que fizeram dela um conceito “nômade”, ela segue hoje uma trajetória diferente e retumbante (CHOAY, 2007:11).

Françoise Choay que sobre patrimônio histórico diz: “A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias”, também toma como referência inicial o verbete do *Dictionnaire de la langue française* de É. Littré que o define como: “Bem de herança que é transmitido, segundo as leis, dos pais e das mães aos filhos” (CHOAY, 2007:11). Sendo assim, um conceito que parte de uma origem familiar através da historicidade, para ela, parece adquirir uma amplitude maior. Entre o entendimento como herança paterna e como objeto histórico existe uma série de conceitos a serem considerados.

O primeiro deles é a memória, que permite reconhecer a qualidade histórica do bem para determinar as relações de abrangência dele. Seja qual for o bem em questão o mesmo terá alguma representatividade para uma família, uma pequena comunidade

ou para toda humanidade. As relações de afeto, uso ou representatividade destes bens através de sua história é que vão determinar o grau de reconhecimento como sendo histórico ou não.

Partindo do conceito de memória⁵ como fenômeno individual e psicológico, pode-se entender que antes de um processo de sedimentação social, existe uma forma particular de cada indivíduo se relacionar com os fatos memoráveis. Destas particularidades depende o modo de transmissão histórica por meio da memória e até do esquecimento.

Finalmente, os psicanalistas e os psicólogos insistiram, que a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento (nomeadamente no seguimento de Ebbinghaus), nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta de forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores de memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 2003: 422)

O pensamento de Jacques Le Goff se faz pertinente uma vez que, esta pesquisa trata de uma área de influência muito restrita, de uma pequena região cuja ocupação chega a pouco mais de 150 anos. O lugar foi ocupado, essencialmente, por imigrantes, que contaram por muito tempo com a dificuldade de adaptação a uma nova língua. A tradição oral neste sentido é o principal veículo de transmissão da memória destas pessoas que, gradativamente, deixavam de praticar sua língua materna e necessitavam aprender uma nova escrita. Além disso, não havia estruturas de imprensa e estavam distantes do interesse dos centros que detinham o maquinário necessário.

Podemos, neste ponto, refletir sobre a pouca bibliografia a respeito de nosso objeto. A memória local não é transmitida através de textos, mas, está atrelada às

⁵ Fenômeno individual e psicológico (cf. *somalpsiche*), a memória liga-se também à vida social (cf. *sociedade*). Esta varia em função da presença ou ausência da *escrita* (cf. *orall escrito*) e é objeto da atenção do Estado que, para conservar os traços de qualquer acontecimento do passado (*passado/presente*), produz diversos tipos de documento/monumento, faz escrever história (cf. *filologia*), acumular objetos cf. *coleção/objeto*). A apreensão da memória depende deste modo do ambiente social (cf. *espaço social*) e político (cf. *política*): trata-se da aquisição de regras de retórica e também da posse de imagens e textos (cf. *imaginação social, imagem, texto*) que falam do passado, em suma, de um certo modo de apropriação do tempo (cf. *ciclo, gerações, tempo/temporalidade*).

As direções atuais da memória estão, pois profundamente ligadas às novas técnicas de cálculo, de manipulação da *informação*, do uso de máquinas e instrumentos (cf. *máquina, instrumento*), cada vez mais complexos. (LE GOFF, 2003, p. 419)

lembranças familiares e, freqüentemente, é apresentada pelos moradores da região através de genealogias. Os fatos que marcam a história da ocupação deste lugar são contados em meio às anedotas sobre os antigos moradores. Os raros documentos são pertencentes à Ordem Agostiniana Recoleta e o acesso a eles é restrito.

Anne Cauquelin no primeiro capítulo de seu livro “A invenção da paisagem” descreve um jardim que qualifica como *tão perfeito*. Ela constrói um cenário onde os elementos que o compõem, como a luz e as cores, remetem a uma série de sensações. Também descreve uma casa e a paisagem que a envolve. Mas já nas primeiras linhas do texto nos revela:

Em todo caso, ela não me pertencia, porque vinha de um sonho que não era meu. Não de um sonho abstrato, como o sonho de uma casa ideal, mas de um sonho particular com a qual minha mãe me entreteve um dia ao despertar.

E ela me descreveu com tamanha precisão e maravilhamento o gramado, a janela entreaberta, o muro do fundo do jardim e a luz dourada na tarde que se ia, que esse sonho era tão real quanto pode ser qualquer coisa desse mundo. (CAUQUELIN, 2007:20)

Estas palavras ilustram o quanto pode ser sedutora a descrição da paisagem. A sinestesia usada por Cauquelin despertam não somente emoções como a tranquilidade, por exemplo, ao imaginar um cenário agradável. “O olor dos cravos-do-poeta à beira dos canteiros, olor que pertence a meu pai” (2007, p.20). Ela relaciona esses elementos da memória da mãe ao pai, se apropria deles aumentando seu envolvimento com a narrativa. Por outro lado, admite que aquele *sonho*, como ela denomina, não era, efetivamente, seu. Afirma, então: “que esse sonho era tão real quanto pode ser qualquer coisa desse mundo.” Ela toma a narrativa como uma realidade. Como parte de um mundo. Mas não de um mundo distante, porém de um mundo da qual participa. Assim, mesmo que essa memória não seja dela, é absorvida como um legado ao qual se permite estabelecer ligações e atribuir significados. Mais adiante ela diz:

Originária, a paisagem? Isso não seria confundi-la com aquilo que ela manifesta a seu modo, a Natureza? O originário, sob a forma, entre outras, da Natureza é “uma idéia que só aparece vestida”, isto é, em perfis perspectivistas, cambiantes. Ela aparece sob a forma de “coisas” paisagísticas, por meio da linguagem e da constituição de formas específicas, elas próprias historicamente construídas. Contudo, se podemos distinguir esses a priori “culturais” pela reflexão e pela análise, sua unidade se reforma permanentemente, as diferenças se apagam para suscitar em nós o sentimento de uma só e única presença: um lado de si.

Sentimento tanto mais poderoso quanto mais a memória subjetiva ligada às impressões da infância, à língua que falamos e ao contexto em que aprendemos a decifrar o mundo faz causa comum para objetivar a percepção. É difícil transpor nossas aprendizagens, retornamos sempre ao jardim perfeito, ao Rio, à Montanha. (CAUQUELIN, 2007:29)

Toma-se as palavras de Cauquelim para a partir desse sentimento citado por ela como: “Sentimento tanto mais poderoso quanto mais a memória subjetiva ligada às impressões da infância, à língua que falamos e ao contexto em que aprendemos a decifrar o mundo” para lançar um olhar sobre a memória que o tome como fator integrante de sua formação.

No caso dos patrimônios históricos e artísticos nacionais, o valor que permeia o conjunto de bens, independente de seu valor histórico, artístico, etnográfico etc., é o valor de pertencimento a uma comunidade (FONSECA, 2005: 36)

Entende-se que cada elemento exige um olhar particular porque cada relação que se estabelece com ele nasce do contato daqueles que o conhecem, das informações, dos sentimentos despertados que se tornam domínio do indivíduo. Como herança, entre outras coisas, entende-se aquilo que se passa de pai para filho. Isso acontece a partir do entendimento do objeto como legado, como algo digno de ser mantido.

La identificación o pertenencia existencial es una sensación profunda y completa, ligada a la condición de vivir allí y sentir el sitio como propio, entendiéndolo como algo ligado a la esencia de um mismo, como parte de sus raíces. El arraigo, em suma, no es sino la vinculación definitiva a um lugar. (AGUILÓ, 1999: 272)

A identificação faz com que indivíduo se entenda como parte do cenário existente naquele lugar. A paisagem que envolve aqueles edifícios pode ser entendida como cultural, uma vez que o homem participa dela e deixa evidente sua presença, através da arquitetura. O uso da terra, dos edifícios conta além da satisfação das necessidades do homem, a existência dele, envolve o modo de habitar, no sentido mais profundo desse termo. Isso é evidente nos ensaios apresentados por Norberg-Schulz e tomados como base para suas teorias em torno da fenomenologia da arquitetura.

Miguel Aguiló nos lembra-nos que as origens do sentido de lugar mesmo nos parecendo remotas, hoje, continuam sendo reflexo da experiência cotidiana, que cada sítio apresenta ressonâncias entre o novo e o velho, o que veio antes, o que foi acrescentado ou evoluído. “Los sucesos que ocurren se “sueldan” al lugar, haciéndolo más fuerte y confiriéndole um papel determinante em la cultura de los pueblos” (AGUILÓ, 1999: 276).

Assim, tanto Aguiló quanto Maria Cecília Londres Fonseca apontam para a ancestralidade do uso do patrimônio através da relação entre o homem e arquitetura, destacam o homem comum, as relações familiares e as crenças. O pertencimento não

é sentimento somente das comunidades, dos povos sobre esses objetos, mas também, delas ao que eles representam.

Conclusão parcial

A ruína deixa mais aparente as estruturas do latifúndio que atraiu para região aqueles indivíduos que cruzaram os mares à procura de um recomeço. Ela deixa evidente a necessidade de transformação que é natural ao homem e suas habitações. As paredes de taipa denunciam a idade do casarão, os barrotes de sustentação instigam a imaginação sobre a natureza que provia aquele sistema de produção sobre o qual pouco se conhece.

A arquitetura alimenta o desejo de transposição. Frequentemente ao adentrar os salões as pessoas começam a narrar o desejo de ter conhecido a fazenda no auge de seu funcionamento. As janelas oferecem ainda a sensação de controle que, possivelmente, existia naqueles que por ela podiam observar todo o vale.

As formas anteriores a compra de 1909 oferecem um contraponto com as transformações verificadas, desde então. Os paralelos traçados entre essas épocas são apropriados pela comunidade como um marco histórico.

A religiosidade se apropria de forma tão forte da estrutura arquitetônica, que faz evidente a forma como domina as crenças daqueles que habitam o lugar.

Ela se mostra, especialmente, como lugar de potencialidades, como o lugar onde é possível o homem deixar a reclusão dos trabalhos nos campos, para se reunir em torno de seus costumes, da possibilidade de crescimento, através do aprendizado escolar, do resultado do trabalho que gera a construção de estruturas as quais o desenvolvimento de técnicas antecipa o desenvolvimento econômico.

Assim, a fazenda se mostra como um retrato do que é a comunidade do Centro, de como se habitava aquele lugar antes da vinda das famílias estabelecidas ali, hoje, e do que poderia ter sido através desse sentimento que a paisagem nos desperta.

Referências

ABREU, Regina. CHAGAS, Mário (orgs). **Memória e Patrimônio. Ensaio Contemporâneo**. Rio de Janeiro: PD&A, 2003.

BRANDI, Cesare. **Teoria da restauração**. 2. Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BUZATTO, Luiz. Org **Imigração Italiana no Espírito Santo, uma Aventura colonizadora**. UFES: Vitória, 1998.

CASAGRANDE, André Dell'Orto; BARBEIRO, Maria Helena Mion. **Castelo: Da Pré-História ao início do século XX**. Prograf, 2003.

CELLIN, Joelma. **Piemonteses em Castelo, aspectos culturais**. Edufes: Vitória, 2000.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. 3ª Ed. São Paulo: UNESP: 2006.

COLQUOUN, Alan. **Modernidade e Tradição Clássica. Ensaio sobre Arquitetura**. São Paulo: Cosac & Naife. 2004.

DERENZI, Luiz Serafim. **Os italianos no estado do Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais. Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 2003.

MACIEL, Cleber. **Candomblé e Ubanba no Espírito Santo**. Edufes: Vitória, 1992.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: Trajetória da política federal de preservação no Brasil**. 2º Ed. Rio de Janeiro: UFRJ/ MinC-IPHAN, 2005.

MATTEDI, José Carlos. **Anjos Diabos do Espírito Santo. Fatos e personalidades da História Capixaba.** Bios: Vitória, ES, 2004.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a história, o esquecimento.** Campinas: UNICAMP, 2007.

ROCHA, Gilda. **Imigração Estrangeira no Espírito Santo 1847-1896.** Dissertação de Mestrado:UFF, Niterói, 1984.

ROCHA, Levy, **De Vasco Coutinho aos Contemporâneos.** Terra Capixaba: Vitória, 1977.

ROCHA, Levy. **Os Vieira da Cunha e o Jornal O Martello.** Ensaio. Brasília, set. 1969.

SALETTI, Nara. **Considerações sobre a Transição do Trabalho Escravo ao Trabalho Livre na Economia Cafeeira do Espírito Santo (1888-1929).** Tese de Mestrado: UFRJ, RJ, 1985.

SIMONATO, Juliana Sabino. **Fazenda Santa Helena: escravidão, bastardia e poder.** Vitória: PPGHIS/ UFES – Dissertação de mestrado, 2008.

OSÓRIO, Carla; BRAVIN, Adriana; SANTANNA, Eleonor de Araújo. **Negros do Espírito Santo.** Escrituras: São Paulo, 1999.

VETTORAZZI, Maria José. **Sob os Segredos do Tempo.** Niterói: Muiquitã, 2004.